

A REVOLUÇÃO DE HANNAH ARENDT - AS MANIFESTAÇÕES DE 2020 CONTRA O RACISMO E A ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA NO SÉCULO XXI

*Yuri Aguiar Tesluk¹
Edimar Inocencio Brigidó²*

RESUMO: O objetivo desse ensaio crítico é fazer uma releitura de linguagem simples e de fácil acesso do livro “Sobre a Revolução”, de Hannah Arendt, sobre como suas ideias se relacionam com os fenômenos atuais da ascensão do conservadorismo e da extrema direita mundialmente desde 2008 e com as manifestações contra o racismo que ocorreram pelo mundo no ano de 2020.

Palavras-chave: Revolução, Extrema direita, Racismo.

ABSTRACT: The purpose of this critical essay is to do a rereading in a simple and easy access language of the book “On Revolution”, by Hannah Arendt, about how her ideas are related with the nowadays phenomena of the rise of the conservatism and the far right worldwide since 2008 and of the protests against racism all over the world in the year of 2020.

Keywords: Revolution, Far right, Racism.

INTRODUÇÃO

“Você diz que quer uma revolução. Bem, todos queremos mudar o mundo [...]. Você diz que tem uma solução concreta. Bem, adoráramos conhecer o plano.” (The Beatles, Revolution, 1968)

Muitos conhecem a clássica música dos Beatles, e ela será usada para iniciar essa discussão sobre o que seria a revolução de Arendt nos dias de hoje. O que é revolução afinal? Muitas pessoas têm ideias diferentes de como o mundo

¹ Primeiro período de Direito na Unicuritiba

² Orientador. É Doutor em Filosofia e Professor no Unicuritiba.

poderia ser, poucas fazem algo concreto para mudá-lo, e algumas que o fazem, não necessariamente o fazem para melhor. Mas quantas dessas mudanças, quantos desses planos poderiam ser considerados revolucionários?

Em seu livro “Sobre a Revolução”, Hannah Arendt descreve algo que ela denomina como “movimento eterno, irresistível e sempre recorrente” (p. 73), que seria, a princípio, um movimento específico da astronomia, no qual, por exemplo, a Lua completa uma volta ao redor da Terra. Esse mesmo movimento poderia se aplicar “às oscilações do destino humano”, no sentido de transformação.

Ela delimita muito bem o que seria uma revolução – que tem como fim último sempre a liberdade – ao contrário de guerra, que jamais pode ter esta como fim, e da reforma, que tem por objetivo apenas a troca de governo. A revolução, para Hannah Arendt, não seria somente um fenômeno social, mas algo muito maior que isso. Para ela, revolução é um fenômeno biológico, intrínseco ao ser humano, algo que inclusive denomina como “processo biológico”.

A necessidade mais forte de que nos apercebemos na introspecção é o processo vital que permeia nosso corpo e o mantém num estado constante de mudança, cujos movimentos são automáticos, independentes de nossas atividades irresistíveis [...] (p.92)

A autora foca principalmente em três revoluções: a Revolução Francesa, a Revolução Russa, e a Independência dos Estados Unidos da América. O foco principal dela é analisar por que a Revolução Francesa não obteve êxito, ao passo que a Independência dos Estados Unidos obteve. Porém, nos tempos atuais, existem fenômenos nos quais os conceitos de Hannah Arendt possam se aplicar?

No ensaio, serão abordados dois fenômenos. O primeiro se trata da volta da extrema direita e do conservadorismo exacerbado pelo mundo nos dias atuais, em um processo análogo ao da década de 1930. O segundo fenômeno a ser analisado é o das manifestações contra o racismo desencadeadas pela morte de George Floyd em 2020.

1. AS MANIFESTAÇÕES DE 2020 CONTRA O RACISMO

Em 25 de maio de 2020, George Floyd, afro-americano de 46 anos e pai de uma menina de 6 anos, foi abordado pela polícia por ter comprado um maço de cigarros com uma nota falsa de vinte dólares, sendo violentamente algemado e imobilizado. Um dos policiais se ajoelhou sobre o pescoço dele, sufocando-o. Floyd implorou por sua vida durante três minutos, dizendo que não conseguia respirar, mesmo assim, o policial continuou com o joelho em cima dele, até que George Floyd morreu.

O caso de evidente racismo sensibilizou pessoas ao redor de todo o mundo, gerando um levante de manifestações contra a opressão e contra o preconceito racial. O caso de Floyd foi o estopim desse movimento, mas o que está por trás dele é muito maior: boa parte da população negra não tem acesso à educação superior. Há falta de representatividade na política, portanto falta de voz. E o racismo também é nítido em termos de homicídio, pois 76% das pessoas mortas em investidas policiais no Brasil são negras, assim como 75% do total de homicídios.

Pela concepção de Hannah Arendt, certamente esse movimento seria considerado uma revolução. Primeiramente, para a autora, a revolução sempre teve uma conexão com a questão social, a desigualdade econômica e a desigualdade de direitos. Nesse caso, existe uma clara desigualdade entre brancos e negros, principalmente no que tange os direitos, como já foi citado anteriormente. Além disso, questão social não seria somente a desigualdade, mas a necessidade, no sentido de aquilo que traz completude, felicidade. E é extremamente relevante para a completude e para a felicidade a abolição do racismo e do preconceito em geral.

Quando Hannah Arendt fala de direitos, não se refere somente aos direitos garantidos por lei, pois “[...] todas as liberdades garantidas pelas leis do governo constitucional são de natureza negativa, [...] reivindicam não uma participação no governo, mas uma salvaguarda contra o governo.” (p.191). Hannah Arendt defende a importância dos direitos subjetivos, como o direito à participação política.

Ela definia revolução como ideia de insurreição popular, de trazer algo novo para o mundo, no sentido de banir a dominação e a opressão. Pois o objetivo do levante de manifestações iniciada após a morte de George Floyd é justamente esse: banir a opressão causada pelo racismo. O racismo internalizado é uma opressão, à qual a socióloga Karen Pyke

define como “[.] internalização da opressão racial pelos racialmente subordinados” (2010, p.53).

Porém, o sentido da revolução não é só a libertação, ou seja, não é apenas tirar as pessoas da opressão; o seu fim último é a liberdade, a participação no processo democrático. Nesse sentido, a falta de representatividade de pessoas negras na política é um sinal claro de falta de voz: apesar de 50,9% da população se declarar como negra ou parda no Brasil, apenas 17,8% dos parlamentares no congresso são negros.

Além disso, é interessante observar certos comentários que Hannah Arendt faz sobre a questão da pobreza. “A história nos mostra que não é de praxe, de forma alguma, que o espetáculo da miséria mova os homens à piedade [...]” (p.106). O que ela fala da pobreza se aplica às minorias: elas são invisíveis. As pessoas não se importam com o seu sofrimento por não enxergar ou não entender: “ela [compaixão] não consegue ir além do que é sofrido por uma pessoa, e mesmo assim continua a ser o que se supõe que seja, um cossofrimento.” (p.123).

Mesmo que se sinta alguma coisa pelo sofrimento alheio, esse sentimento é, na maioria das vezes, a piedade, não a solidariedade, e ambos são diametralmente opostos, pois solidariedade pressupõe um patamar comum, o que é possível de ser construído com qualquer pessoa; e a piedade pressupõe assimetria, pois diminui o outro.

2. ASCENSÃO DO CONSERVADORISMO NO SÉCULO XXI

Na década de 1930, após a grave crise econômica mundial de 1929, que assolou a Europa e o mundo, a extrema direita, na forma do fascismo, ganhou grande espaço, com um discurso envolvente que prometia solucionar os problemas da humanidade – e mais – trazê-la para um passado de glória, este que já não existia mais. O foco era principalmente em valores: segundo o movimento fascista, a humanidade estava em uma decadência moral, que deveria ser restaurada trazendo de volta os valores tradicionais.

O fenômeno foi muito bem analisado pela Hannah Arendt em outros de seus livros, como “As Origens do Totalitarismo” e “Eichmann em Jerusalém”. Como estes não são objetos de análise desse artigo, mas sim o livro em específico “Sobre a Revolução”, o foco será no fenômeno da revolução, e sua relação com uma segunda onda da extrema direita.

No século XXI, há uma nova onda de conservadorismo em vários países da Europa, nos Estados Unidos da América, no Chile, na Bolívia e até no próprio Brasil. Vários partidos de ideologia semelhante ao fascismo do século XX, alguns abertamente neonazistas, têm ganhado espaço e poder. Eles têm em comum ultranacionalismo, conservadorismo excessivo, ultra religiosidade, xenofobia, racismo, homofobia, tradicionalismo e ódio contra a esquerda.

Essa segunda onda de direita alternativa pode ser explicada pela crise de 2008, um estopim semelhante à crise de 1929, que gerou uma grande insegurança no mundo inteiro. Os ultraconservadores se aproveitaram da crise e prometeram “voltar a como era antes”, comprometendo, inclusive, diversos avanços sociais feitos nas últimas décadas, sendo contra direitos das minorias e até mesmo contra os direitos humanos.

O movimento começou no Brasil a partir de 2014, com a crise de representatividade do Partido dos Trabalhadores em seus 13 anos no poder, somado à crise econômica que teve seu ápice de 2016 até 2017, levando a uma série de manifestações populares que culminaram com o impeachment de Dilma Rousseff em 2016 e a eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Muitos adeptos chamaram o levante popular de uma “revolução” da direita, mas pela concepção de Hannah Arendt, isso é o oposto de uma revolução.

Um parêntese: aqui não cabe a defesa de um partido ou de um governo específico, tampouco deslegitimar a insatisfação com um partido ou negar atos ilegais cometidos pelo mesmo. Cabe apenas a análise do fenômeno da extrema direita assumindo poder no Brasil e no mundo pela ótica Arendtiana.

Para a autora, o conservadorismo é uma reação a uma revolução, e não uma revolução em si:

O conservadorismo romântico [...] foi uma consequência das revoluções, e mais especificamente da derrota da revolução na Europa; e esse conservadorismo se voltou para a Idade Média, [...] glorificava aqueles séculos quando a esfera secular da política terrena recebia suas luzes do esplendor da Igreja [...]” (p.254)

Ou seja, o conservadorismo romântico teria uma natureza retrógrada e medieval, ultra religiosa. Ele seria uma reação contra a revolução em si, que, no caso, pode ser interpretada como o progresso da humanidade. Foi dito, e é verdade, que o conservadorismo ganhou força pela crise econômica, mas

sua razão, seu *geist* (espírito) é a insatisfação com o progresso: com o fato de homossexuais, negros, mulheres e pobres terem os mesmos direitos que o homem branco de classe média; com o espaço conquistado pelas minorias.

Hannah Arendt também discorre sobre a Revolução Francesa, quando os revolucionários questionam qual é o real objetivo da revolução presente: “[...] qual é o fim da revolução e do governo revolucionário? [...] a resposta seria a reforma, não a revolução em si, a troca de um mau governo por outro melhor, e não uma troca de governo.” (p.179-1980). O objetivo da dita “revolução” da direita não é a liberdade, mas a troca de governos, da esquerda pela direita – e não qualquer direita.

Outro ponto a ser observado é que a ascensão da extrema direita é um fenômeno ligado predominantemente à classe média, excluindo as minorias. Ou seja, não é o povo que participa do movimento. Para Arendt, a revolução deveria ser do povo, pelo povo e para o povo. Assim, numa revolução deveriam haver pessoas de várias classes sociais, várias etnias, e com a inclusão dos oprimidos.

Além disso, como já foi comentado, o fim último da revolução é sempre a liberdade e a libertação da opressão, e o fim do movimento ultraconservador é diametralmente oposto: é o retorno à opressão, a glorificação da opressão, de uma época na qual as minorias não tinham direito nem voz. A extrema direita repudia os oprimidos, dentro de um discurso sobre “normalidade”, no qual as minorias são consideradas “anormais”.

Portanto, o movimento conservador é tudo menos uma revolução, é uma antirrevolução. Prova disso é o fato de os conservadores repudiarem as manifestações contra o racismo, não só pelos esporádicos casos de violência, mas pela sua natureza, sob a afirmação de que “não existe racismo”. Além disso, muitos menosprezam o preconceito e a opressão, como se estes, se existirem, fossem irrelevantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os protestos de 2020 contra o racismo são algo histórico, que poderá ser lembrado como foi o ano de 1968 nos Estados Unidos, o auge do movimento negro, com lideranças como Malcom X e Martin Luther King Jr. Isso mostra que os dizeres de Hannah Arendt sobre revolução ser algo inerente ao ser humano, eterno e irresistível são precisos.

Novas revoluções sempre virão, e cada vez mais novos direitos são conquistados, novas vitórias surgem contra o preconceito, tal como a criminalização da homofobia em 2019. Minorias que antes não tinham direito algum passam a ter seus direitos reconhecidos, mulheres ocupando cargos importantes, pessoas negras sendo eleitas dentro da política, o casamento entre pessoas do mesmo sexo sendo reconhecido como legítimo pela lei.

A segunda onda de extrema direita é preocupante, e só o tempo dirá quais serão seus efeitos. Atualmente, os grupos que lutam contra o racismo e os grupos conservadores entram em conflito, manifestações antidemocráticas e pró democracia se confrontam. Não apenas isso, mas se cria uma dicotomia com um maniqueísmo evidente, onde não se combate mais a pessoa a ideologia oposta, mas a pessoa que acredita nela, gerando violência e mais extremismo.

Porém, sempre haverá o conservadorismo reacionário, que será contra esses direitos: houve em 1968 contra a abolição das leis de Jim Crow, houve em 1920 contra o voto das mulheres e há atualmente contra as minorias e os avanços sociais. Porém, isso não impede o progresso – não para a revolução.

A revolução é inevitável.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Sobre a Revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CALEIRO, João. **Os dados que mostram a desigualdade entre brancos e negros no Brasil**. Exame Abril 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/os-dados-que-mostram-a-desigualdade-entre-brancos-e-negros-no-brasil/>, acesso em: 10 de junho de 2020, às 15h.

VÁRIOS. **George Floyd: o que aconteceu antes da prisão e como foram seus últimos 30 minutos de vida**. BBC Brasil 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52868252>, acesso em: 10 de junho de 2020, às 15h.

VÁRIOS. **Morte de George Floyd: 4 fatores que explicam por que caso gerou onda tão grande de protestos nos EUA**. BBC Brasil 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52868252>, acesso em: 10 de junho de 2020, às 15h.

VÁRIOS. **Racismo internalizado**. Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Racismo_internalizado, acesso em: 10 de junho de 2020, às 16h.

VÁRIOS. **Composição étnica do Brasil**. Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Composi%C3%A7%C3%A3o_%C3%A9tnica_do_Brasil, acesso em: 10 de junho de 2020, às 16h.

ZARUR, Camila. **No congresso só 17,8% dos parlamentares no congresso são negros**. O Globo 2019. <https://oglobo.globo.com/brasil/no-congresso-so-178-dos-parlamentares-sao-negros-24091102>, acesso em: 10 de junho de 2020, às 16h.

BENEDITO, Mário e FÁVERO, João. **A ascensão da direita e do conservadorismo no mundo**. Jornalismo especializado UNESP 2017. Disponível em: <https://jornalismoespecializadounesp.wordpress.com/2017/11/13/a-ascensao-dadireita-e-do-conservadorismo-no-mundo/>, acesso em: 9 de junho de 2020, às 20h.

BARBOSA, Giovanna. **5 Países que embarcaram na rota autoritária da extrema-direita em 2019**. Carta Capital 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/5-paises-que-embarcaram-na-rota-autoritaria-da-extrema-direita-em-2019/>, acesso em: 11 de junho de 2020, às 16h.

VÁRIOS. **Manifestantes fazem maior protesto nacional contra governo Dilma.** O Globo 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/manifestacoes-contr-governo-dilma-ocorrem-pelo-pais.html>, acesso em: 11 de junho de 2020, às 16h.

LEITÃO, Míriam. **Crise econômica é a grande causa do impeachment.** O Globo 2016. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao/post/crise-economica-e-grande-causa-do-impeachment.html>, acesso em: 11 de junho de 2020, às 16h.

VÁRIOS. **Crise político-econômica no Brasil desde 2014.** Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_pol%C3%ADticoecon%C3%B4mica_no_Brasil_desde_2014, acesso em: 11 de junho de 2020, às 17h.

LÖWI, Michael. **Dez teses sobre a ascensão da extrema direita europeia.** Folha de São Paulo 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/06/1469890-dez-teses-sobre-a-ascensao-da-extrema-direita-europeia.shtml>, acesso em: 11 de junho de 2020, às 17h.

MOYSÉS, Adriana. **'Eleitor típico de Bolsonaro é homem branco, de classe média e superior completo'.** Carta Capital 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/eleitor-tipico-de-bolsonaro-e-homem-branco-de-classe-media-e-superior-completo>, acesso em: 11 de junho de 2020, às 17h.

SANCHES, Mariana. **Morte de George Floyd: As semelhanças entre 2020 e o ano histórico de 1968 nos EUA.** BBC Brasil 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52904253>, acesso em: 12 de junho de 2020, às 16h.

BERIFOUSE, Rafael. **STF aprova a criminalização da homofobia.** BBC Brasil 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924>, acesso em: 12 de junho de 2020, às 16h.

VÁRIOS. **Sufrágio feminino.** Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sufr%C3%A1gio_feminino, acesso em: 12 de junho de 2020, às 16h.